

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

DO ESPIRITISMO

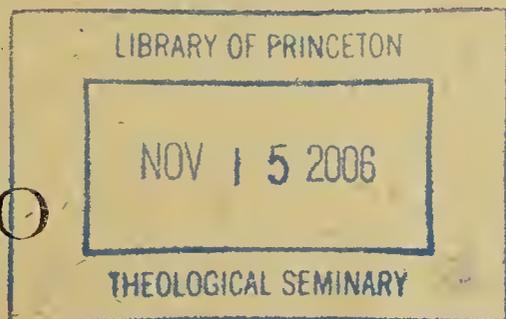
REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

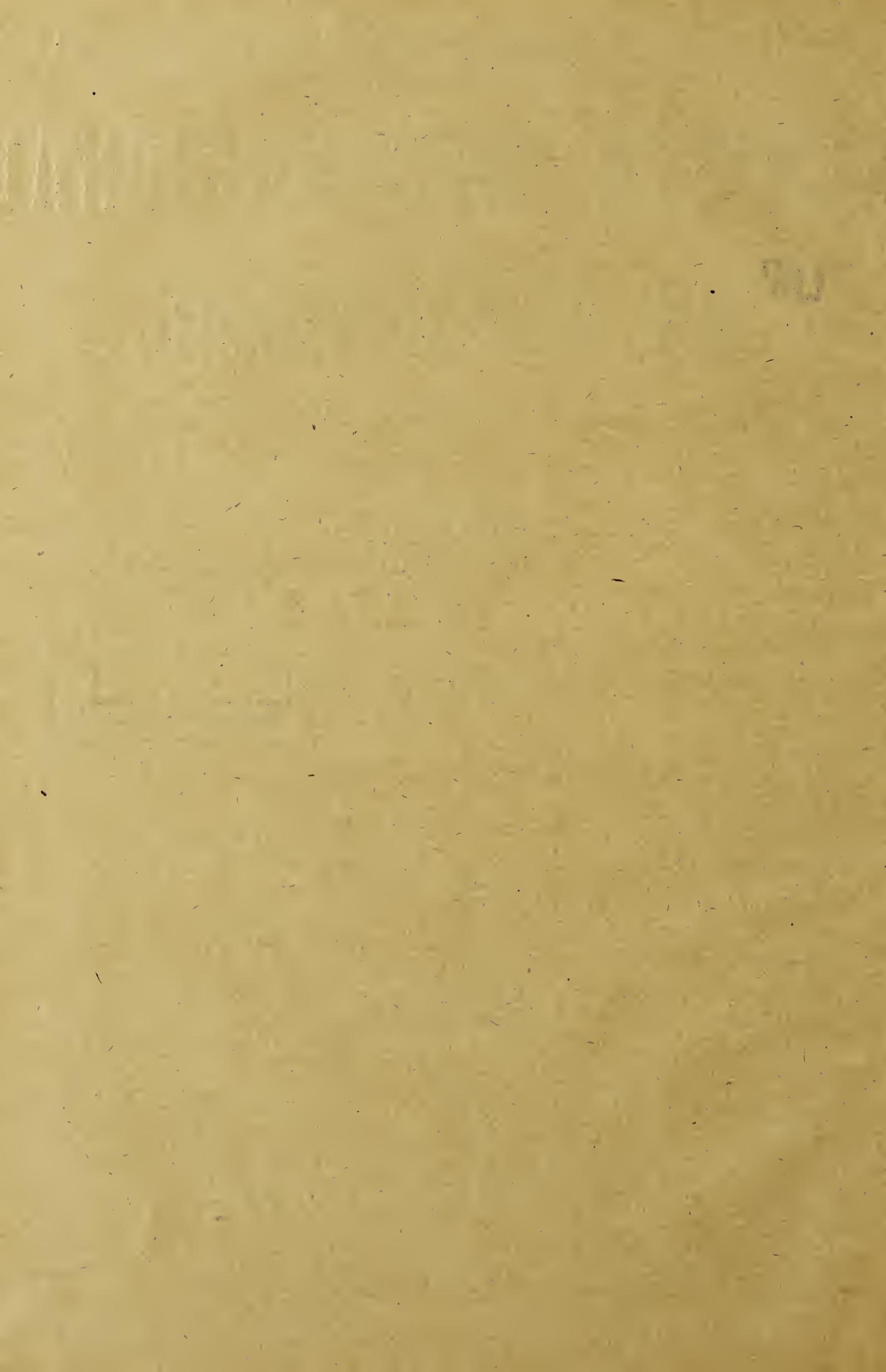
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



A Teoria Espírita
A Última Palavra
Espiritismo e Religioso
Sessões Mediúnicas à Luz do Espiritismo — Síntese Doutrinária
Terapêutica Mediúnica sob colaboração entre Espiritismo e Medicina
Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó
Confirmada pelos Cientistas Soviéticos a existência dos “Eflúvios Ódicos”
O Hebraico e a Expressão Personativa
Chico Xavier perante os grandes escritores
Serões Bíblicos — X
Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil

Redação
Carlos Imbassahy
Aureliano Alves Netto
Kitch Taves
V. O. Casella
Prof. J. Herculano Pires
Hernani Guimarães Andrade
Bianor S. Medeiros
Jorge Rizzini
Luiz Caramaschi
Redação
Redação



Obras Recomendáveis

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos:

O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Hipnotismo e Espiritismo
Hipnotismo e Mediunidade
Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Jesus dos 13 aos 30 anos
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam
A Psicografia ante os Tribunais

Romances:

O beijo da morta
Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memórias do Padre Germano
Solar, de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scaâmbula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis:

História de Cristo para as crianças
Seara Infantil
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
História de Paulinho
Historietas do Irmão Monteiro
Histórias que Jesus contou
Os meus deveres
História de Catarina
Os milagres de Jesus
Catecismo Espírita
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»



AVISO

aos nossos prezados assinantes

Em virtude do novo aumento salarial, que veio elevar o custo da mão de obra e o aumento, mais ou menos de 90 %, que veio agravar rudemente sôbre tôdas as utilidades e, muito especialmente os materiais gráficos, somos forçados, mais uma vez, bem contra a nossa vontade, a elevar os preços das assinaturas de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», única solução adotável no momento, para que as nossas publicações não venham a perecer, o que causaria um grande desfalque na seara espírita.

Assim sendo, neste ano de 1963 os preços anuais das assinaturas de “O Clarim” e da “Revista Internacional do Espiritismo” passarão a ser os seguintes :

“O CLARIM” cr.\$ 250,00

“REVISTA” . cr.\$ 600,00

Esperando contar com a compreensão e benevolência dos nossos prezados confrades-assinantes e, na expectativa de melhores dias, a todos auguramos um próspero ano de 1963.

A REDAÇÃO.



ANO XXXIX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1963 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

*** A Teoria Espírita ***

O Espiritismo veio, decididamente, projetar uma luz imensa sôbre todos êsses fatos chamados miraculosos que ensombravam as inteligências.

Criando a psicologia experimental, a nova doutrina estabeleceu um juízo são e um critério apurado para a distinção de todos êsses fenômenos que constiuam o atroz pesadêlo de muitas gerações e se acham estritamente catalogados entre os fatos anímicos e espíritas.

O sonambulismo, a vista dupla, a clarividência, a transmissão do pensamento, a telepatia, a frenologia, as artes divinatórias, a exteriorização da sensibilidade e da motricidade, são hoje perfeitamente explicáveis pelo *animismo*, assim como os fenômenos de materializações, transportes, escrita direta, vozes, aparições, «assombrações», encontram a sua explicação racional no *espiritismo*.

Êstes fatos que têm permanecido em todos os tempos, no velho como no novo mundo, e cujos principais adversários têm sido o Espiritualismo tradicionalista e o materialismo, encontram no Espiritismo um esplendido campo de cultura. É assim que, graças a essas importantes e transcendentis manifestações, a alma humana, cujo problema parecia insolúvel, tomou uma feição positiva, demonstrando a sua existência fo-

ra do tempo e do espaço e comprovando, a seu turno, que a vida não se limita ao círculo vicioso dos nossos poucos sentidos, mas estende-se a horizontes infinitos que serão outros tantos campos de ação para o nosso progresso futuro.

A *teoria espírita* aparecendo justamente na época em que as religiões moribundas não mais podiam satisfazer as inteligências, além de demonstrar a existência da alma e sua sobrevivência ao aniquilamento do corpo, resolveu o eterno e perturbador problema dos destinos humanos, que nenhuma filosofia, religião e ciência poude responder, devido, certamente, à falta duma sistematização positiva e completa de todos os dados psicológicos indispensáveis e dos estreitos limites que cerceavam e cerceiam até agora, a sua ação no campo franco da experimentação e do livre exame.

Todos êsses fatos extraordinários, êsses fenômenos miraculosos que embalaram gerações, constatados na história e nos livros sagrados, tôdas essas maravilhas que deprimiram para depois exaltarem Braid, Charcot, Mesmes, Pui-seguir, La Fontaine e que foram praticadas por Hipocrates e Galeno, assim como pelos mais eminentes Apóstolos do Cristianismo, todo êsse aglomerado de fatos que, pode-se dizer, constitue a filosofia humana, aparecem hoje clara-

A ÚLTIMA PALAVRA

Carlos Imbassahy

Não é possível esquecer a figura proeminente de Angel Aguarod, que trouxe para o Congresso de 1926, na Federação Espírita Brasileira, as luzes de sua experiência e de seu talento. E êle, falando daquela tribuna, dizia: — Aquêlê que supuser haver dito a última palavra em Espiritismo marcou a sua falência.

Verdade é esta profunda, cujo falseamento tem arrastado à queda religiões e filosofias, assim como os filósofos e os religiosos. Estamos ainda aprendendo, e se já há verdades indiscutíveis em vários terrenos, o que resta, entretanto, por saber é incomensurável.

E' êste o primeiro ponto para o qual queríamos chamar a atenção, e daí para o segundo é um pulo. — E êste segundo é o de se evitarem as afirmativas ou negativas categóricas, onde não há base nem fundamento para fazê-las, sem esteio de qualquer espécie; apenas afirmamos ou negamos peremptóriamente, porque é êsse o nosso modo de ver.

Certo, cada um poderá ter as suas idéias particulares, as suas convicções íntimas; o que cumpre porém é nos resguardarmos, é evitar trazer para o campo doutrinário, como pontos indiscutíveis, as opiniões pessoais.

Lembra-me nesse particular que alguém asseverava que Satanás tinha cavanhaque, e como outros negassem ao Pai da Mentira êsse apêndice capilar, o indivíduo malquistou-se com a turma tôda, aliás formada por esforçados confrades seus.

Terceiro. Não saberíamos porque o Espiritismo haveria de ser essa religião triste e carrancuda, de sobreceño franzido, como a querem ver muitos. Há quem entenda que uma fala religiosa deve ser sempre uma espécie de sermão de lágrimas. Havia certo presidente de sessão que não admitia que o orador dissesse algo que pudesse ser engraçado. O falador deveria ser sizudo e carrancudo como um cipreste. Caimos na tolice de contar um caso que provocou risos na assistência; êle nos puxou imediatamente o paletó e entrou a

vibrar a sineta, como o presidente da Câmara em sessão tumultuosa.

Xavier de Maistre dizia dos protestantes que êles eram homens de palavras graves e roupas prêtas. E' pois preciso que não vejam em nós o pretume das roupas e o pesadume das palavras.

Somos contra as tristezas, mesmo porque tristezas não pagam dívidas.

Quem gosta de literatura e já leu o Eça de Queiroz, conhece a história do Euzebiozinho. Era um sujeito triste, fechado, ciprestal, que infundia tristeza aos ambientes em que se achava. Chegou um dia com seu aspecto funerário a estragar um jantar. Que não sejamos os Euzébios doutrinários.

E' preciso rir, senão com o gargarhar decomposto dos lupercos, o que aliás não conviria, mas com aquela sobriedade com que, diz a Mitologia, sorriam os deuses, necessariamente aparte os momentos em que cultuavam ou reverenciavam Baco.

Foram os costumes do passado que enlutaram tudo. Nós não temos lutos. E se não devemos andar com as bochechas sorridentes, como os anjinhos de louça, fiquemos com a alma alegre, que a alegria ainda nas duras provanças traz o confôrto e a paz.

O vezo hereditário de ensombrar o espírito faz que proibamos em nossas festividades tudo que concorra para embeleza-la, desde as flores, que é o sorriso da terra, até às altas manifestações da Arte, que são o sorriso divino.

Sob o pretexto e invocação de que não temos fórmulas, nem ritos, nem cultos, aplicamos arbitrariamente e inapropriadamente tais vocábulos a tudo aquilo contra que particularmente nos insurgimos.

E' êste um quarto ponto para o qual convém chamar a atenção. O espírito progride pelo exercício das virtudes: — E' a moral que lhe vem trazer a felicidade, com a paz da consciência. Progride pelo saber: é pela Ciência que êle se eleva na escala dos mundos. Ascende pela Arte: é com o desenvolvimento artístico que êle pode perceber

as belezas que o rodeiam e apreciar as magnificências da natureza. Proscrever a Arte é cortar as asas do nosso ser espiritual. E' preciso que não tenhamos o senso crítico ou o gôsto artístico do nosso amigo Praxedes.

Praxedes foi convidado, na nossa terra, a um concerto em casa de um rico industrial da cidade, muito amigo de música. Na Bahia aparecera pela primeira vez o violinista Biloró e a fama o precedera. Não se sabe porque, Praxedes foi um dos convidados. Quando lhe perguntaram no dia seguinte, as suas impressões sôbre a festa, disse êle: — Ah, gostei muito; que bela sociedade! Comi e bebi à tripa fôrra. Mas quando começou o fim-fim-fim, desci apressadamente as escadas e vim-me embora. O fim-fim-fim era o violino do Biloró.

Se formos encarar a música como o fim-fim-fim do Praxedes, não resta dúvida que deveremos bani-la, mas o que a experiência nos diz é que a Arte está intimamente ligada à espiritualidade. Falando em Arte, estamos longe das batucadas que atordoam a Cidade Maravilhosa, nem nos referimos à sambaria onde os sons ferem a sensibilidade e os ouvidos. A nossa Arte não é esta *selva oscura, selvaggia ed aspra forte*, impenetrável à harmonia, senão aquela de que nos fala Bozzano e a que se refere especialmente em «*Música transcendental*», música que envolve o moribundo e fa-lo entrar radiante na pátria dos Espíritos. Em outro trabalho pouco conhecido — «*A propósito das revelações transcendentais*» diz-nos: — «A Arte não morre. Ela se renova mais bela e mais sublime no meio espiritual. Não é sômente beleza mas totalização de uma vida. Importaria que todos tivessem o culto da Arte.»

Também assim pensa Cassiopée: — «Um dos meios de elevar-nos é cultivar a beleza.» — E êle achava necessária uma relação mais íntima entre o Espiritismo e as Belas-Artes.

E' enorme a influência da Arte em nosso Espírito. As músicas marciais acordam-nos o entusiasmo e dela se utilizam infelizmente os chefes militares. Dispensávamos esta espécie de música, e estamos longe de aconselha-la em nossos tabernáculos. Temos, entretanto, as *berceuses* que embalam e as

devocionais que preparam o ambiente para a prece e para a comunhão com os Espíritos Superiores. Isto não é invenção nossa; são fatos; constam dos anais do Psiquismo.

Dizia Gastão Penalva: — Amigo meu, representante da diplomacia indígena, que conheceu em Roma, Mussolini, que com êle privou, com êle comeu e bebeu em suntuosos ágapes internacionais, que mantinha pelo Duce elevada estima, afirmou-me que o que mais o comovia, em face do grande homem, era vê-lo transmudar aquela dura máscara de César, adulcorar as feições, impalidecer, derreter-se em puro gôsto espiritual se ouvia música.

Declarava Gœthe: — Vale mais um trêcho musical do que o melhor dos discursos. Conta Osty que Pascal Forthuny comovia-se tanto com a música, a ponto de ajoelhar e chorar. Agnès Saville, numa obra célebre — *Música, Saúde e Caráter* — depois de reportar-se às lições dos antigos, apresenta experiências várias onde demonstra a influência da música na terapêutica psíquica.

Demoramo-nos no assunto para mostrar o êrro das negações sem estudo. Não vamos nós, que nos baseamos na revelação à luz dos fatos, ir de encontro aos fatos sem luz na revelação.

Isto dizíamos há tempos, mas nunca é tarde para uma ressalva.

Há às vêzes em nossos Centros umas horas com o nome de «horas artísticas», que são verdadeiras horas fastientas, quando não são horas de tormento; talvez fôsse isto que levasse muita gente, dêste plano e do outro, a insurgir-se contra tais horas, ou pelo menos a chamar-nos a atenção para a falta de estética, se não a falta de linha que preside a elas; em outras ocasiões, fogem ao que delas se espera, ou se tornam prejudiciais ao fim que se tem em vista.

O meu amigo Alberto de Menezes foi a uma dessas festas artísticas, e no fim, quando todos se iam retirar, um fervoroso amante do canto pediu para entrar também com a sua colaboração. E como não se podia contrariar ninguém, deixaram-no colaborar. Pôs-se êle, então, em pé, rígido, marmóreo, só se lhe vendo mexer os lábios. Era a estátua masculina do sal em que a mulher de Loth

se transformou. E, sem acompanhamento, entrou a cantar, ou melhor, a berrar uma qualquer coisa que não se percebia o que era, tal a desafinação, enquanto os assistentes não sabiam se deviam tapar os ouvidos ou sair de carreira.

Há os que recitam umas poesias enfadonhas, e o que é pior, intermináveis, onde há que admirar, de um lado, a memória do recitador, e do outro, a resistência dos ouvintes. E se antes já houve um orador, ou muitos, igualmente enfadonhos e intermináveis, a festividade toma então o aspecto de casa de suplícios. Cremos que não haverá melhor processo para tornar desertos os recintos onde há prédicas espíritas.

A arte a que nos referimos é a que prepara o espírito para aprender o Belo; que o exercita a fim de que, por sua elevação artística, possa compreender as belezas da natureza, o que é uma das fontes de felicidade do ser espiritual. Isto nunca poderíamos encontrar nas manifestações da vaidade, do desejo de saliência, de «semostração», ou de falta de gosto artístico.

Também existe a arte moderna, quando não é possível arcar com as dificuldades da antiga. E vemos a poesia sem métrica, sem rima, sem idéia; a música sem harmonia, sem melodia, sem ritmo; a pintura sem significação nem beleza:—borrões indecifráveis, inclassificáveis; e a plástica, uns aleijões, espécie de abôrto espiritual, diante do qual

muita gente se mostra admirada por não dar demonstração de falta de inteligência.

Se alguém, pelo que temos dito, tomar isto como Arte, é bom fazer de conta que não dissemos nada. Nosso intuito era apenas impedir que caissemos no exagêro das proibições sem justificativa.

Temos uma quinta advertência — a de que não impugnemos uma usança ou uma doutrina pelo abuso que dela se possa fazer. Lançaríamos ao Espiritismo uma sentença de morte, porque em tudo há motivo para abusos.

Sexto. Que se estabeleça a liberdade de idéias, seguindo cada um o ensino de Paulo na escolha do que fôr bom. Ligados pelos princípios básicos, não apertemos o círculo das imposições sem cabimento. Convém recordar Osmar 11:—Tendo a verdade como contida no Alcorão, disse:—É preciso queimar isto.—Isto era a formidável biblioteca de Alexandria. E queimou. Tais são os frutos da ignorância e do fanatismo. Que não sejamos nós a justificar aquela asserção de Jacolliot:—*On a fait de Dieu un instrument d'oppression*.

Que cada um proceda como julgar melhor, mas que êsse procedimento seja o resultado de muita ponderação, estudo, e que obedeça ao mais rigoroso critério.

O nome de Deus só deve inspirar tolerância e liberdade.

ESPIRITISMO RELIGIOSO

«O que despreza a religião, suprime os alicerces da sociedade humana».—PLATÃO

EM Espiritismo, Filosofia e Religião se confundem. Completam-se. Muito do que foi dito do Espiritismo Filosófico ajusta-se cabalmente ao aspecto religioso da Doutrina.

No pressuposto de que os princípios basilares do credo espírita já foram elucidados de maneira concludente, encaminhamo-nos para algumas de suas atraentes facêtas,

que o campo é vasto e o terreno fértil. Fugamos às repetições.

Ensina Kardec que «A caridade é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com seus semelhantes; é por isso que se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade». Virtude que de tôdas é a maior, segundo Paulo (I COR., 13:1 a 13).

Há conceitos errôneos de Caridade. Uns supõem que ela é apenas beneficência material. Outros, que é moeda com que se compra um lugarzinho no Céu...

Quem do supérfluo dá, Caridade não faz. E quem a não pratica desinteressadamente revela-se egoísta ou mercenário. O óbulo da viúva, Caridade legítima. Perdoarmos aos nossos devedores, genuína Caridade.

Caridade é confortar os aflitos; sorrir às crianças e guiar-lhes os passos; venerar e amparar os velhos; tolerar os ignorantes e instruí-los; combater os êrros, curar as chagas, dar lenitivo a qualquer sofredor, aconselhar, ensinar, orientar, mostrar o bom caminho, exemplificando.

É essa a tarefa do Espiritismo religioso, sem casta sacerdotal nem hierarquias, sem misticismo nem ritualismo. Criando creches e abrigos. Erguendo maternidades e hospitais. Abrindo escolas e imprimindo livros. Pregando o Evangelho e iluminando as consciências (**Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda a criatura** - MARCOS, 16:15). Restabelecendo o límpido Cristianismo dos Apóstolos e dos mártires. Estimulando a fé, pura e raciocinada, num Criador que jamais estatuiu privilégios entre Seus filhos. Indicando, enfim, a trilha retilínea da Verdade — apanágio do Homem Livre. (**E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.** - JOÃO, 8:32).

À Humanidade descrente e desesperada, fraticida e materialista, o Espiritismo traz a mensagem do Amor e da Esperança, proclamando que o mal é passageiro; que a vida é eterna, sòmente perecível o corpo material; que, por maiores

sofredores que sejamos, atingiremos a Felicidade, num futuro mais ou menos remoto; que não há penas eternas nem pagamos por culpas alheias, senão que, dotados de livre arbítrio, somos construtores do nosso próprio destino, sujeitos à reparação do mal que cometermos e fazendo jus à recompensa pelo bem que praticarmos. E que ninguém, mesmo que o queira, pode fugir à Evolução, porque o livre arbítrio é relativo e será cerceado quando abusivamente exercido.

Admitindo a pluralidade de mundos habitados, o Espiritismo glorifica o Criador e O situa em Sua lídima Grandeza, pois seria re-matada estultícia julgar-se que unicamente a Terra — grãozinho de areia no Cosmos — fosse povoada, tendo as estrêlas e os astros apenas como enfeites e luminárias. (**Na casa de meu Pai há muitas moradas.** - JOÃO, 14:2.) Glorifica-O também asseverando que fenômenos sísmicos, maremotos, epidemias, catástrofes têm sua causa natural, pois se assim não fosse a Lei Divina deixaria de ser justa e sábia.

Aconselhando o perdão, insurge-se contra o ódio e a vingança, na certeza de que aquêle que perdoador é o maior beneficiário, capitalizando méritos no Banco da Divina Providência. Quem recebe o perdão alivia-se da culpa, mas não se isenta do ressarcimento total da dívida, de vez que a Grande Justiça não pode transigir com o êrro.

Mostrando que o «pedi e recebereis» não é letra morta e que a verdadeira prece tem o poder de remover montanhas, porque é fôrça mental viva e atuante, todavia elucida: nem sempre recebemos conforme pedimos, mas da maneira que

mais nos convém. O Pai não dá pedra ao que Lhe implora pão, porém, qual criança que choraminga por lhe não atenderem ao pedido de uma goloseima indigesta, nós, crianças grandes, às vêzes pedimos pão empedernidos que não podemos digerir... Preferimos a inócua mezinha dulçorosa ao medicamento amargo que produz a cura.

Os espíritas acreditam em fantasmas (aparições), por havê-los, inegavelmente, mas rejeitamos duendes, abusões e entidades mitológi-

cas. Acreditamos por convicção firmada em fatos positivos e cientificamente demonstrados. Por isso não vacilamos em nossa fé e não perfilhamos a frase posta por Cervantes na boca de Sancho Pança: «No creo en brujerías, pero que las hay, las hay...»

Esse é o Espiritismo que abraçamos, a Terceira Revelação, o Consolador prometido por Jesus. Oportuno, lógico, grandioso!

Aureliano Alves Netto

Sessões Mediúnicas à Luz do Espiritismo

Síntese Doutrinária



«Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei». — JESUS—(Mateus, 18:20).

1. — Para estarem reunidas, em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, é preciso que o estejam não apenas materialmente juntas, mas sim ESPIRITUALMENTE, isto é, em comunhão de intentos e de idéias visando o bem comum, o progresso e evolução de todos rumo à Perfeição Moral.

2. — Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, um mesmo desejo, uma única vontade, uma só aspiração.

3. — A união e a fraternidade entre os componentes de um grupo, a gerar os sentimentos de mútua benevolência e caridade, são condições imprescindíveis para a presença de Jesus ou dos Espíritos Puros que o representam, na reunião.

4. — Não havendo comunhão de pensamentos e idéias puras numa sessão mediúnica, com base no «Amor a Deus sobre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos», nem o Divino Mestre nem seus representantes aí estarão, pois que, mesmo em prece, várias pessoas orando cada uma para o seu lado, não se encontrarão unidas espiritualmente, embora tôdas dirigindo-se a Jesus.

5. — Se as pessoas reunidas se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúmes, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se. Neste caso não estarão reunidas em nome de Jesus, que então não passa de mero pretexto para a reunião.

6. — Se numa assembléia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto que outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Ele estará com as primeiras e não com as outras. O que O atrai não é o maior ou o menor número de pessoas, mas sim o sentimento de caridade que reciprocamente as anime.

7. — O que, verdadeiramente, constitui a reunião em nome de Jesus é a comunhão de pensamentos em concordância com o espírito de caridade que o Divino Mestre personifica, daí o caráter de que devem revestir-se as sessões mediúnicas, para que sejam realmente cristãs ou espíritas, isto é, aquelas em que se deseja sinceramente o concurso dos Bons Espíritos.

8. — Dizemos sessões mediúnicas

cristãos ou espíritas porque Cristianismo e Espiritismo são doutrinas afins, correlatas, que se conjugam harmoniosamente, e isso porque a Doutrina Espírita não trouxe moral nem criou moral própria, pois a sua moral é a do Cristo, ensinada e exemplificada por Jesus, a qual consideramos o vero Cristianismo.

9. — Não confundir a religião do Cristo, em Espírito e Verdade, com as práticas, cultos, dogmas ou interpretações outras que as várias igrejas que se denominam cristãos realizam, pregam e ensinam neste mundo de Deus.

10. — A mediunidade pode nascer em qualquer parte, não é patrimônio de um grupo nem privilégio de alguém. Sendo comum a qualquer criatura — espírita, católica, protestante, budista ou maometana —, não é ato privativo do Espiritismo. Os Espíritos se manifestam em todo e qualquer lugar, desde que disponham de médiuns.

11. — É um erro grosseiro julgar-se que onde haja manifestação de Espíritos haja Espiritismo. Não é tão-somente o fenômeno mediúnico que caracteriza o fato espírita. É necessário para que isso aconteça que a Doutrina Espírita lhe clareie as manifestações e lhe governe os impulsos, de maneira que a mediunidade se converta em manancial de auxílio perene a serviço da sublimação espiritual das criaturas, através da revivescência simples e pura do Evangelho do Cristo de Deus, e istopor que, a Doutrina Espírita se preocupa, principalmente, com as CONSEQUÊNCIAS do fenômeno, e não apenas com o fato em si, sendo que, dêsse modo, a simples prática mediúnica, apenas por curiosidade, sem objetivo sério, sem visar o progresso e evolução moral de todos rumo à Perfeição, não ter a mínima significação para o Espiritismo. A Doutrina Espírita encara o fenômeno mediúnico como um MEIO, não como um fim em si, razão pela qual o Espiritismo possui princípios fundamentais e normativos para lidar com o fenômeno.

12. — Assim sendo, podemos salientar que mediunismo não é Espiritismo, cujos ensinamentos corporificam uma doutrina filosófica de consequências religiosas, como também podemos diferenciar sessão espírita — organizada sob a orientação da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec —, de sessão mediú-

nica ou de mediunismo, sem outro objetivo que não a mera curiosidade como fonte de palpites e de baixos avisos, ou a satisfação pura e simples de pessoas fascinadas pelo sobrenatural.

13. — Considerar que toda sessão onde se registrem fenômenos mediúnicos seja sessão espírita, equivale supor que o Espiritismo — doutrina vastíssima sobre a qual não se disse ainda a última palavra —, seja exclusivamente evocação de espíritos, o que seria uma enormidade.

14. — Jesus nos diz (Mt. 5:17 e 18) que não veio destruir a Lei de Deus (Êxodo 20:4 e 5) nos ensina: «Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima no céu, nem em baixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não as adorareis e não lhes prestareis culto soberano.»

15. — Allan Kardec afirma: «O Espiritismo não tem culto, nem ritos, nem templos, e entre seus adeptos ou seguidores, nenhum tomou ou recebeu o título de sacerdote ou papa.»

16. — Dêsse modo é inadmissível — porque contrário à Lei de Deus, que Jesus veio cumprir, e à Doutrina Espírita, que é o Cristianismo redivivo em Espírito e Verdade —, a prática, nas sessões mediúnicas espíritas, isto é, verdadeiramente cristãs, de qualquer culto exterior ou idolatrias, e de toda e qualquer forma de superstição simbolizando o falso sentimento religioso fundado no temor e na ignorância.

17. — Recordemos as palavras de Jesus (João, 4:24): «Deus é Espírito; e importa que seus adoradores o adorem em Espírito e Verdade.» Vale lembrar ainda, que para os Espíritos a forma nada vale e que o pensamento é tudo.

18. — Assim, não tem cabimento, nas sessões mediúnicas espíritas, isto é, que se realizam sob os princípios fundamentais da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, o uso de paramentos ou quaisquer roupagens especiais; vinho ou qualquer outra bebida alcoólica; fumo, incenso ou mirra; imagens, retratos, amuletos, pedras de sorte, talismãs, relíquias, medalhas, rosários, bentiños ou escapulários; velórios, andores, procissões, ladaínhas, hinos ou cantos em línguas mortas; encenação de espetácu-

los usando têrmos exóticos para designar homens, coisas ou animais; realizar sacramentos ou batisados; tirar horóscopos ou quaisquer tipos de « buena dicha »; fazer promessas ou despachos, cruces ou pontos, e ou quaisquer outros atos originários das práticas afro-católicas ou afro-brasileiras.

19. — Não confundir sincretismo religioso com o vero Cristianismo, ou seja, o Espiritismo, que é a Doutrina do

Cristo, a Doutrina do Aperfeiçoamento Moral em todo o Universo.

20. — Nas sessões mediúnicas espíritas, lembrando Léon Denis, devemos ter :

Por Templo — O Universo
 Por Altar — A Consciência
 Por Imagem — Deus
 Por Lei — A Caridade.

Kitch Taves

TERAPÊUTICA MEDIÚNICA SOB COLABORAÇÃO MÚTUA ENTRE ESPIRITISMO E MEDICINA

Conforme explicamos no nosso trabalho anterior, as doenças do ser humano dividem-se em dois grupos de naturezas distintas: o de ordem estrutural, de causa por lesão orgânica; e o funcional, de origem nas perturbações do espírito. E vimos que sómente os males dêste último são receptivos à terapêutica mediúnica, cuja prática passista formalizada nos grupos espíritas não obtem resultado quando empregada nas patologias causadas por lesão orgânica, onde até poderá ser prejudicial nos casos em que o paciente seja predisposto à sugestibilidade.

Portanto, para se dedicar a curas mediúnicas não basta ter em mãos médiuns com o dom de curar. Antes de tudo é preciso certificar-se se o paciente, que solicita auxílio médiúnico, trata-se de uma vítima de lesão orgânica ou de um distúrbio espiritual, cuja distinção não é fácil, embora haja médium de elevado potencial intuitivo, capazes em diagnosticar com precisão surpreendente, dada a simplicidade como os obtêm. Mas, como já sabemos, êsses tipos mediúnicos de elevado potencial intuitivo são raros, e nós como já deixáramos esclarecido desde o início estamos cuidando apenas da prática mediúnica comum, a qual, considerando-se não ser difícil a obtenção de médiuns de ação curadora mais limitada, vem se expandindo entre novos núcleos, dirigidos por neófitos, ainda não bem integrados no rigor kardecista. Assim, num sentido geral, não sendo fácil em se conhecer quando a patologia do paciente é do espírito ou de lesão orgânica, urge tomar-se medidas

que possibilitem essa distinção, antes de se empregar a terapêutica mediúnica, de hábito generalizado.

Vejam os que podemos propor, em princípio, visando sanar êsse lapso:

De início diremos que os grupos espíritas, dedicados na tarefa em atender, pela pacientes, que buscam no mediunismo um lenitivo para seus padecimento, é boa norma não tomarem a responsabilidade de doentes, que não tenham ainda passado pelos cuidados da medicina oficial. Podendo-se curar por esta, que também é sagrada, considerando-se a nobreza da missão, não há motivos, para o doente, muitas vezes por ignorância ou comodismo, buscar outros recursos, valendo-se da boa vontade de abnegados benfeitores, os quais, entretanto, de muito também se ocupam a outras tarefas, acudindo a necessitados de outra ordem. No entanto, quando o paciente não alcança resultados através da terapêutica oficial, cabe-lhe por justiça de humanidade o direito sagrado em procurar outros recursos, na esperança de aliviar-se do seu mal. Aí então se justifica a caridade em acolhê-lo, se nos bate à porta, não deixando-o à própria sorte, abandonado na sua dor.

Mas, contudo, ainda assim, o processo mediúnico concentrado na fôrça fluidica do médium não pode ser empregado na sua forma rudimentar. A sua ação, embora na aparência nada revele de concreto, intercambiando-se do agente ao paciente, se de um lado ela seja construtora, por outro pode ser destruidora, tal como acontece com certas radiações invisíveis, utilizadas na

medicina, as quais para serem benéficas, e não destruidoras, é preciso empregá-las com limites de dosagem, para cada forma de patologia orgânica. Nestas condições, impondo-se a distinção entre os dois males, o recurso mais adequado para se conseguir essa separação, no nosso modesto entender, seria fazer com que os pacientes, interessados no trato pela terapêutica mediúnica, viessem assistidos pelo facultativo de sua confiança, atitude esta que não é novidade, pois há grupos espíritas que já têm realizado com sucesso essa experimentação preventiva. Mesmo se por qualquer razão o doente não obtinha a assistência direta de seu facultativo, valerá dêste uma declaração de que o seu paciente não é portador de lesão orgânica responsável pelo seu mal.

Com tal liberação, inferindo tratar-se de distúrbio funcional, não curável pela terapêutica médica oficial, a aplicação mediúnica estaria isenta de acidentes, a exemplo do que já citamos no trabalho anterior.

É possível, de princípio, não faltar obstáculos a essa modalidade, como no geral acontece com tôdas as atividades quando passam por modificações radicais. Uma das dificuldades de início seria a propaganda dos nossos tradicionais adversários, tentando incompatibilidades de ilustres facultativos para com os espíritas, alardeando entre aquêles a propalada idéia falsa de que Espiritismo é Umbanda, Macumba e outros sincretismos, visando expôr-nos ao ridículo no sêio da nobre classe médica. Outra oposição seria a de alguns pretensos cientificistas, mais interessados em fazer confusões, explorarem nossa tese, fazendo-se cegos de que estamos cuidando apenas da parte elementar do mediunismo, para concluir desta restrição introdutiva para as amplitudes de outra ordem, onde a cura através do fenômeno mediúnico atinge extensões além das perturbações funcionais.

Mas não nos importemos com essas tocaias costumeiras, de certa classe de adversários, pois a falsidade venha de onde vier, jamais obstará o Espiritismo na sua marcha evolutiva em favor da verdade.

Entretanto, estejamos certos de que mesmo se concretizando essas reações sistemáticas, ainda assim não fal-

tarão diligentes facultativos, mais atentos nas observações práticas, que nas denúncias duvidosas e sectárias, os quais não deixarão de reconhecer com seu apôio, de que sòmente o fato de expormos sem receio nossas atividades ao testemunho da ciência médica, já revela propósito dos mais honestos nessa nossa atitude. E tão logo, com as primeiras colaborações, ao se despontar os resultados iniciais positivos de curas mediúnicas, a verdade, desmascarando o jôgo dos adversários sectaristas e confusionistas, abrirá caminho cada vez mais dilatado para que a colaboração mútua entre Medicina e Espiritismo atinja proporção contínua e progressiva, culminando com a projeção da nossa causa no sêio da intelectualidade.

Poderão alguns confrades argumentar pela ineficiência dessa nossa proposição, pois teremos que contar com a participação de elementos de fora da doutrina. No entanto, seja como a julgarem, a tentativa é necessária. Se houver deficiência na nossa proposta, que se corrijam as falhas acaso surjam, ou mude-se o rumo para outra proposição melhor que apareça, mas o que não se pode é continuar na forma atual generalizada nos grupos espíritas, onde o mediunismo esteja sendo explorado na sua forma rudimentar.

E assim, aí fica nêsse primeiro passo a nossa proposta inicial, onde limitamos na maior simplicidade possível, sem entrarmos noutras complexidades, pois cuidamos apenas em deixar claro, em princípio, até qual ponto pode ir o mediunismo, quando usado na ação restrita do médium, sem necessidade de se recorrer a interferência direta de entidades espirituais, através do transe mediúnico.

Mesmo supondo-se possíveis senões na nossa tese, dada a delicadeza do assunto, fundamentalmente o sentido do tema não dá motivo para incompreensões, oferecendo desde já o suficiente para que a generalidade dos grupos espíritas, a se iniciar dos mais modestos de entendimento, habituais na terapêutica mediúnica passista, já compreendam a responsabilidade da tarefa.

E uma vez entendido o perigo da prática mediúnica curadora, quando utilizada no seu rudimentarismo, cabe a

consciência de cada dirigente, em não permitir a seu grupo de trabalho ir além das possibilidades em alcance. A doutrina, que não recomenda o uso mediúnico no seu estado rudimentar, não pode assumir responsabilidade dos que não a seguem no sentido exato do bom senso de Kardec.

Finda esta primeira parte de três séries sucessivas, na próxima vez voltaremos com outras extensões das curas mediúnicas, cuja profundidade deixou de ser necessária para o objetivo inicial do presente tema que, nessa primeira fase, como já dissemos, já esclarece a base suficiente aos adeptos, que por qualquer motivo não continuem a se-

guir o que mais daremos nos capítulos seqüentes.

Ainda, repetimos, aos estudiosos da doutrina em desacôrdo com a nossa tese, que apresentem suas objeções, pois a tarefa é de estudo geral e não de imposição pessoal, não havendo intuito nosso em insistirmos na nossa proposta se alguém provar estarmos em êrro. E não vacilaremos em retroceder, se para isso fôr necessário, desde que seja para bem dos sadios princípios da nossa verdade espiritualista doutrinária.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Est. S. Paulo
Araraquara

ARIGÓ PERANTE A CIÊNCIA

Depoimentos, filmes e fotografias comprovam o paranormal em Arigó

Diagnósticos confirmados por exames — Depoimentos e críticas do médico Elias Boanain —
Operação uterina em condições paranormais, no relato de um médico carioca



Prof. J. Herculano Pires



Os depoimentos médicos que temos publicado são suficientes para provar a existência das faculdades paranormais de Arigó. Não se trata de um embusteiro, de um mistificador, mas de um "sujet" parapsicológico, ou de um "indivíduo metergético", segundo o classificou a psiquiatra Maria de Lourdes Pedroso. Mas as provas testemunhais são ainda reforçadas pela documentação fotográfica, pela filmagem, e pelas reportagens de casos autênticos de cura e intervenção cirúrgica eficaz: Os leitores que vêm seguindo esta série, qualquer que seja a interpretação que tenham dado ao caso, não poderão negar a evidência dos fatos.

Não nos foi possível ouvir todos os médicos de São Paulo que estiverem em Congonhas do Campo e assistiram a diversos fenômenos. Esta série de artigos e entrevistas surgiu de circunstâncias inesperadas. Foi planejada, e desenvolvemos o seu plano. Mas o assunto é de tal maneira complexo, que exigiria mais tempo, para um trabalho mais completo. Há especialistas desta

capital, do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de Salvador, de Porto Alegre, que não pudemos ouvir. Isso não importa, porque o nosso objetivo não era esgotar o assunto, mas apenas colocá-lo de maneira exata, perante os leitores. Esse objetivo foi atingido.

O documentário fotográfico dos "Diários Associados" é grande e variado. O reporter Moacir Jorge não conseguiu publicar numerosas fotografias, referentes a intervenções cirúrgicas realizadas, inclusive, em órgãos genitais. O documentário fotográfico, embora mais pobre, é também valioso. Coube ao escritor Jorge Rizzini realizar as primeiras filmagens sobre Arigó: um filme sobre o médium e o seu pequeno mundo em Congonhas, e outro sobre as operações, que foi largamente exibido nesta capital e cidades do Interior, projetado na televisão, e por fim levado ao Exterior. A convite do Colégio Argentino de Parapsicologia, presidido pelo engenheiro e parapsicólogo prof. José S. Fernandes, catedrático das Universidade de Buenos Aires e Mar Del

Prata, o filme foi exibido nas duas cidades mencionadas, despertando grande interesse nos meios científicos. Jorge Rizzini recebeu convites, também, para exibir o filme na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Depois dessas filmagens de Rizzini, verificaram-se outras: a dos «Diários Associados», levada à televisão; um pequeno filme existente no Rio de Janeiro, e um filme de longa metragem, para duas horas de projeção ininterrupta, realizado por um cidadão de Santa Catarina. Este último filme foi exibido em Congonhas do Campo, e Arigó desmaiou ao assisti-lo. Por ordem do “Dr. Fritz”, foi guardado para posteriores projeções “na hora oportuna”. Segundo informações que colhemos pessoalmente em Congonhas, trata-se de um filme impressionante, que focaliza delicadas e complicadas intervenções cirúrgicas.

É simplesmente temerário, como já tivemos ocasião de acentuar, querer-se negar a existência dos fenômenos. É anti-científico, pretender-se atribuí-los a uma possível paranoia de Arigó, ou coisa semelhante. Amplamente testemunhados, por médicos-especialistas, por jornalistas, escritores, intelectuais diversos, políticos de nomeada, e pelos beneficiários de Arigó, ao longo de onze anos de atividades paranormais, os fenômenos de Congonhas do Campo não podem ser negados ou deturpados, como pretenderam fazê-lo, através de uma cadeia de jornais. Se não se realizou a verificação científica do caso, por comissões especializadas, existe, entretanto, a constatação individual efetuada por numerosos homens de ciência, os depoimentos de médicos no processo judicial movido contra o médium em 1958, os depoimentos que estamos publicando nesta série, os casos concretos de cura comprovada, que também registramos, e toda a documentação fotográfica e cinematográfica. Negar as qualidades paranormais de Arigó, é ato de simples obstinação.

FATOS E CRÍTICAS

Pode-se criticar Arigó, fazer restrições às suas atividades, como o fizeram alguns médicos, em seus depoimentos. Mas não se podem negar as

suas faculdades, nem atribuir-lhe segundas intenções. Um dos médicos paulista que esteve em Congonhas, privou com Arigó, em transe e no seu estado normal, passeou com êle pelas ruas e observou as suas atividades, o doutor Elias Boainain, do Instituto de Cardiologia do Estado, especialista em radioscopia e eletro-cardiografia, com consultório à rua Araujo, nesta capital. Quisemos ouvi-lo a respeito, e vamos sintetizar as suas declarações.

— “Estive em Congonhas no mês de fevereiro último, — declarou-nos o médico, — e como Arigó já havia deixado de operar, nada vi nesse sentido. Não obstante, assisti aos seus famosos «exames», bem como ao seu receituário. Um médico de Taubaté, cujo nome não guardei, estava ao meu lado. Arigó me pareceu de início, um caso de simples charlatanice. Confesso que eu estava prevenido, não acreditava no que se contava a seu respeito. Falando com sotaque alemão, o sensitivo realizou «exames» em várias pessoas. Num delas, introduziu simultaneamente, num só olho, a faca e o bisturi, deixando-os pendurados entre o globo ocular e a palpebra. Fez-se segurar a lampada para clarear o rosto dos pacientes, mas como voltava o rosto de outro lado e continuava operando, larguei a lampada e êle não reclamou. Reconheci que não havia assepsia, que os doentes não acusavam dor, que não havia anestesia e Arigó não praticava a hipnose nem toques letárgicos, mas apesar disso, o meu espírito crítico não desfaleceu.»

— «Quando se iniciaram as consultas, presenciei alguns casos que me perturbaram. Um senhor, por exemplo, de cerca de cinquenta anos, disse que sofria de úlcera no estomago. Arigó o corrigiu, afirmando que se tratava de úlcera no duodeno. Ora, êste tipo de ulceração é mais comum nos jovens. Mas acontece que o homem já havia tirado radiografias, e Arigó era quem estava com a razão. Outro senhor, de cerca de sessenta anos, protestou quando Arigó lhe disse: «A sua doença é na próstata.» O sensitivo lhe respondeu, com sotaque alemão: «Vai, brasileiro burro, e toma o remédio.» O paciente afirmava que havia extraído a próstata. Arigó declarou-me que êle tinha

cancer e pensava que haviam feito a extração. Vi, depois, as provas do caso, os resultados de exame. Arigó estava certo.»

— “Um rapaz de cerca de trinta anos foi levado pelos pais, em cadeira de rodas. Arigó me perguntou o que êle tinha. Respondi que o caso não era de minha especialidade. “Então pense o que acha que êle tem”, me disse o sensitivo. Pensei: “Paralisia geral progressiva”. Arigó confirmou em voz alta. Logo depois, verifiquei a exatidão do diagnóstico, pelas provas de exames do líquido cefalorraquiano. E outros casos como êsses ocorreram, demonstrando-me, de maneira inegável, as faculdades paranormais de Arigó”.

— “Apesar disso — concluiu o médico — faço restrições às atividades de Arigó e à maneira por que êle vem sendo encarado. Considero o seu receituário absurdo, e acho que a porcentagem de curas produzidas por êsse receituário é diminuta. Entendo que Arigó não devia receitar, mas usar as suas faculdades paranormais em condições de maior contrôle, para a produção de fenômenos que pudessem ser observados com segurança. Acho também que os espíritistas fazem demasiado alarde do caso Arigó, complicando a situação conflitiva do sensitivo. Mas afirmo, sem medo de errar, e contrariando minhas impressões iniciais, que Arigó é realmente um individuo dotado de acentuadas faculdades paranormais”.

OPERAÇÃO UTERINA

Depoimento dos mais valiosos é também o do médico Ladeira Marques, do Rio de Janeiro, que esteve várias vezes em Congonhas, no tempo em que Arigó operava livremente. Entre os vários casos por êle relatados, consta uma operação uterina, realizada com tesouras e bisturís. Arigó perguntou ao marido da paciente, diante do médico e de um seu amigo, se queria a intervenção por via baixa ou abdominal. Escolhida a primeira, introduziu por aquela via, sem auxílio de espéculo, de maneira brusca, três tesouras e dois bisturís, “sendo cada instrumento introduzido de um só golpe”.

— “O ramo de uma das tesouras era ainda mantido pela mão do médium — afirma o médico — quando, com gran-

de surpresa nossa, o outro ramo, automaticamente, sem nenhuma intervenção visível, passou a se movimentar, aproximando-se e afastando-se do primeiro, como ocorre no ato de seccionar um objeto. Procuramos verificar se o movimento que presenciávamos na tesoura estendia-se às outras peças do instrumental cirúrgico empregado na operação, e nada pudemos observar, ouvindo-se, no entanto, o barulho de entrec choques de metais e o ruído de seccionamento dos tecidos”.

Continuando seu relato, escreve o médico que Arigó, falando como o “Dr. Fritz”, retirou os instrumentos e fez cessar a hemorragia. Pensou o médico que se tratasse de histerectomia (extração do útero), mas verificou, depois, tratar-se de neoplasia (operação de tumor uterino). Vejamos a própria descrição do médico:

— “Tomando então de uma pinça, Arigó recomendou-nos que prestássemos atenção, e introduzindo-a no local da intervenção, retirou um pedaço de tecido com cerca de oito centímetros de comprimento por quatro de largura, sendo êste mostrado a tôdas as pessoas presentes”.

Êsse impressionante relato, bem como o de uma operação de catarata, com extração do cristalino, e outros fatos, foram relatados pelo médico num livro que publicou sob o pseudônimo de Cícero Valério, por editôra desta capital. (“Fenômenos Parapsicológicos e Espíritas”, Cícero Valério, Editôra Piratininga, 1961). Posteriormente, o médico concedeu entrevista ao reporter Moacyr Jorge, que a publicou neste jornal.

Chegamos assim ao final da nossa série de depoimentos, e encerraremos amanhã, com o balanço geral dos fatos e das opiniões, a apreciação do caso Arigó, que pretendemos haver colocado de maneira objetiva diante do leitor. Os fatos existem, e estão ali mesmo em Congonhas do Campo, a duas horas de ônibus de Belo Horizonte, por estrada asfaltada. Trataremos também, no artigo de amanhã, das condições indispensáveis para que êles sejam examinados com proveito, sem o perigo habitual das distorções e deturpações.

Do “Diário de São Paulo”, de 8 de agosto de 1962.

CONFIRMADA PELOS CIENTISTAS SOVIÉTICOS A EXISTÊNCIA DOS «EFLÚVIOS ÓDICOS»



Por Hernani Guimarães Andrade



1 - Histórico

Desde muitos anos vem-se suspeitando da existência de certa emanção fluídica, invisível na maioria dos casos, que se desprenderia dos seres animados e inanimados. Em particular, o fenômeno seria mais intenso e específico nos entes vivos.

O barão de Reichenbak batizou tal emanção, com o nome de O D. Daí a designação de «eflúvios ódicos». Inúmeros outros estudiosos, talvez impressionados com as pesquisas, dentro da área da eletrônica, feitas por Masson (1853), Geissler e Hittorf (1869) e finalmente por Cröokes (1879) e Röntgen (1895), culminando com a espetacular descoberta dos Raios X, sugeriram a hipótese de tais eflúvios serem radiações da mesma natureza dos Raios X. Assim, Brondlot deu-lhes o nome de raios N; Charpentier chamou-os raios V (de vida); o Dr. Ochorowicz, certificando-se de sua realidade ao constatá-los com o auxílio da médium Stanislawa Tomczyk, batizou-os com o impressionante nome de raios XX (X elevado à potência X). (1)

2 - As efluviografias

Uma vez assinalada a existência do fenômeno e tendo em vista as naturais dificuldades em observá-lo à vista desarmada, surgiram as tentativas de registrar seus efeitos, por meios indiretos.

Parece-nos que o pioneiro neste campo de pesquisa foi o Comandante Darget, em 1882, o qual tentou as primeiras «efluviografias». A efluviografia consiste em obter-se a impressão direta dos pretensos eflúvios ou radiações em chapa fotográfica. Darget trabalhou nessas pesquisas durante cerca de trinta anos.

Outros estudiosos do assunto, como Dr. Luys, Chaigneau, Colomès, Girord, Dardenne, Durville, Majewski e Delanne, desenvolveram acuradíssimas técnicas efluviográficas, onde tôdas as possibilidades de engano parecem ter

sido eliminadas, obtendo sugestivas efluviografias.

Não obstante tôdas essas provas, surgiram alguns opositores que puseram em dúvida o valor das efluviografias. Foram êles Guillaume de Fontenay, Saint Albin, Warcollier e outros. Posteriormente, sobreveio a ridicularização e, finalmente, a conspiração do silêncio. Assim, caiu no olvido todo o trabalho dos dignos pesquisadores das efluviografias, daquela época. (2)

3 - A efluvioscopia de Kilner

Entre 1912 e 1920, o professor Walter J. Kilner, do Colégio Real dos Físicos de Londres, divulgou um processo destinado a tornar visível a «aura humana». O método, bem como os resultados das pesquisas, foi exposto no livro da autoria de Kilner: «The Human Atmosphere or The Aura Made Visible by Aid of Chemical Screens». (3)

É importante assinalar que o aparelho idealizado por Kilner consistia em um anteparo de vidro, plano e cheio de uma solução de *dicianina*, produto químico difícil de obter-se. Outros experimentadores lograram êxito, substituindo a dicianina pelo «azul de metileno» ou pela «violeta de genciana». A solução colorida é depositada em uma cuba feita por duplas placas de vidro plano transparente, separadas por um contôrnio estanque e distanciadas entre si cerca de 1 a 2 cm.

O paciente a ser observado fica de pé contra um fundo preto. O observador recebe a luz pelas costas enquanto mira o paciente através do anteparo de corante. Após alguns minutos de fixação passará a notar uma luminescência de forma oval, rodeando totalmente a pessoa observada. Segundo Kilner, podem observar-se certas particularidades na aura assim revelada. Ei-las :

1 — raios que vão de um ponto a outro do próprio corpo, ou que se projetam para fora, atingindo uma pessoa próxima ;

2 — raios que saem perpendicu-

larmente à superfície do corpo, indo até os limites da aura exterior ;

3 — manchas brilhantes e de pouca duração que surgem dentro da aura.

O método e os resultados aos quais teria chegado o Prof. Kilner sofreram contestações sérias. Como no caso das efluviografias, padeceu a efluvioscopia da mesma sorte de esquecimento. Comentamo-la em nossos dois trabalhos: «A Teoria Corpuscular do Espírito» e «Novos Rumos à Experimentação Espiritica». Naquela oportunidade, não demonstramos muito entusiasmo pelas conclusões deduzidas das experiências de Kilner, pelo fato de acharmos normalmente duvidosos os processos dependentes do critério puramente humano, no campo observacional. Sentíamos, todavia, que algo de importante poderia estar envolvido naquelas experiências ainda rudimentares. E não nos enganamos ao que parece, pois o processo de Kilner talvez ajude a elucidar o mistério dos «eflúvios ódicos» que voltam à baila novamente, mas, desta vez, lá do mundo do materialismo.

4 - Os cientistas soviéticos conseguem obter belas efluviografias de seres animados e inanimados!

Em o número 145 da revista «Union Soviética», editada na U. R. S. S., em castelhanò, publica-se um artigo da autoria de I. Leonidov, cujo título é o seguinte: *Sinais? De que?* Acompanham a reportagem belíssimas fotografias de impressionantes efluviografias obtidas pelos cientistas soviéticos. Eles próprios não sabem como explicar o fenômeno, nem a que atribuí-lo. Alguns dos clichês, três dêles, são coloridos, mostrando que a tonalidade ódica varia de acôrdo com as zonas do corpo de onde são captadas as impressões.

Mas, vejamos como se deu o início da história. Conta o referido artigo, que Semion Kirlián, morador próximo da cidade de Krasnodar, há muitos anos trabalha como modesto mecânico electricista, reparando e aperfeiçoando aparelhos elétricos (não são mencionados quais os tipos dêesses aparelhos).

«Porém em certa ocasião notou que se se tocava com os dedos uma fôlha de papel fotográfico, no campo de

ação de correntes de alta freqüência, nela apareciam dêbeis imagens de zigzagues, manchinhas e linhas» (sic).

Percebendo a importância do fenômeno, Semion e sua espôsa Valentina, puzeram-se a fazer experiências sistemáticas. Do labor intenso do casal auxiliado por outros técnicos resultaram catorze patentes de invenção de aparelhos e métodos especiais de fotografia.

«Os inventores fizeram dispositivos para a fotografia de alta freqüência, para literalmente, todos os casos da vida. Agora a coisa resulta muito simples: ao objeto submetido à investigação (um dedo, u'a mão, um pé, uma fôlha de qualquer planta, u'a moeda) se superpõe papel fotográfico ou película, logo se conecta a corrente de alta freqüência (imperceptível para o homem) e a fotografia já está pronta». (sic)

Diz a reportagem que as primeiras fotografias deixaram pasmados os experimentadores, pelo quadro inédito que ofereciam à observação. O casal Kirlián prosseguiu no aperfeiçoamento dos métodos e conseguiu a «efluvioscopia microscópica.»

«Para isso os investigadores idealizaram um dispositivo para um microscópio, e no campo de ação das correntes de alta freqüência descobriram um mundo que antes ninguem vira: sôbre o fundo escuro, acendiam-se em grande profusão chispas elétricas azuis, violáceas, amarelas e áureas. Umás cintilavam, outras ardiam com luz uniforme, outras se acendiam e apagavam periódicamente. Algumas das chispas— pareciam pirilampos — permaneciam imóveis, enquanto outras se moviam por labirintos de luz. Sôbre as fantásticas constelações de espectrais pontos luminosos acendiam-se vivas e policromas tochas e surgiam minúsculas nuvens de um brilho mate... (sic).

5 - As chamas da vida

Fascinados pelo fantástico espetáculo os pesquisadores metiam tudo o que era possível sob o seu «microefluvioscópio». Descobriram que a natureza das luminescências variava de objeto para objeto. As diferenças entre os seres vivos e os inanimados eram flagrantes.

«... Sob a lente do microscópio,

uma fôlha recém arrancada. Conecta-se a corrente de alta freqüência e aparece o quadro que antes descrevemos. Ao cabo de umas horas, as pequeninas luzes vão se apagando, como as de uma cidade que dorme ao chegar a noite. As chamas perdem vivacidade, as chispas e as *nuvenzinhas* apenas se movem. A fôlha morre, e o processo de sua agonia reflete-se no quadro dos impulsos elétricos.» (sic).

Desta forma os cientistas soviéticos assinalaram inúmeras peculiaridades das profundezas abissais dos fenômenos biológicos. Diagnósticos e prognósticos com relação às moléstias, bem como estados psíquicos refletem-se no comportamento desses eflúvios misteriosos.

«Sem embargo, os investigadores têm observado mais de uma vez que a coloração muda em dependência do estado de saúde ou de ânimo assim como de outras causas.» (sic).

O articulista conclui sua reportagem, com estas palavras:

«O estudo, a confrontação e a análise dos fatos nos dirão em que medida têm razão os prudentes e os impulsivos».

Quem seriam os impulsivos? Seriam aquêles que, mesmo lá na cortina de ferro, opinam por uma explicação menos materialista? O que é certo é que ainda não chegaram a uma conclusão. Daí o título do artigo de Leonidov:

«Sinais? De que?»

*Rua Dr. Diogo de Faria, 239 —
(Vila Clementino) — São Paulo*

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- (1) H. G. Andrade — *Novos Rumos à Experimentação Espiritica* — Ed. Baturia — 1960, pág. 32.
- (2) Jean Rostand — *Fanáticos e Sábios* — Ed. Ibrasa — 1959, págs. 6/23.
- (3) R. Montandon — *Les Radiations Humaines* — Ed. Félix Alcan 1927.

BIBLIOGRAFIA

- J. Maxwell — *Phénomènes Psychiques* Ed. Félix — Paris, 1920.
- Ludovico Armani — *Chiromanzia e Astrologia* — Ed. Europa — Verona, 1950.
- Charles Richet — *Traité de Métapsychique* — Ed. Félix Alcan — Paris, 1923.

✻ © O Hebraico e a Expressão Personativa ✻ Bianor S. Medeiros

I. — A língua hebraica, a língua sagrada é a usual e oficial do povo israelita em todos os tempos de sua longa história. Foi nessa língua que falaram e escreveram os patriarcas, as matriarcas, os profetas, os reis, José, Maria, Jesus, João Batista e os discípulos diretos do Divino Mestre. O Calendário Israelita lunar-solar é diferente do nosso, sólar. O ano novo começa às seis horas da tarde da Lua nova. É o Rosh Hashanah, o começo do ano. Em 28/9/1962 teve início o ano 5.723 do Calendário Israelita. Essa língua, chamada em hebraico de «Ivrit», é claro, em tão longo período passou por diversas fases ou modalidades bem distintas, acompanhando a história acidentada do povo judeu: 1) — o hebraico pre-histórico ou de formação, que se perde na noite dos tempos, de 3.500 a 1.500 antes de Cristo; 2) — o

hebraico clássico, escrito e literário, puro hebraico sem mescla de estrangeirismo, que vai de 1.500 a 500 antes de Cristo; 3) — o aramaico, o hebraico mesclado de vocábulos assírio-babilônios que vai de 500 antes de Cristo a 500 depois de Cristo; 4) — o Idisch, o hebraico mesclado de palavras alemãs, eslavas e dos países em que viveram, na Europa, de 500 depois de Cristo a 1948 da nossa era, quando foi proclamado o 3.º Estado de Israel, o Eretz Israel, pelo grande sábio Chaim Weismann, seu primeiro Presidente; 5) — o hebraico moderno, língua oficial do Estado de Israel, de 1948 para cá, o Ivrit propriamente dito. Em todas as suas modalidades o hebraico foi sempre escrito em seu alfabeto próprio, e foi conservado puro pela elite intelectual de Israel. O que caracteriza o hebraico moderno e o distingue das outras

modalidades de sua evolução histórica, é a grande variedade das chamadas «palavras de civilização», de grande uso actual e desconhecidas antigamente, como: aviron, aeroplano, darkon, passaporte; monit, taxi, etc. Tal é a influência cultural do hebraico no mundo moderno que o grande Dr. Sylos Cintra, digno Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo, no exercício do cargo de Governador no nosso glorioso Estado, publicou no Diário Oficial de 19/9/1962, o Decreto n. 40.784, de 18/9/1962, criando a Seção de Estudos das Línguas Orientais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo:— o russo, o hebraico, o árabe, o armênio, o japonês, o sânscrito e o chinês.

II. — A parte da Linguística e da Gramática que estuda os nomes próprios das pessoas naturais chama-se Antroponímia. O conjunto das palavras que formam o nome completo de uma pessoa natural chama-se expressão personativa. Entre nós, de acordo com os nossos usos e de conformidade com a Lei de Registros Públicos das pessoas naturais, cuja existência começa do nascimento com vida e termina com a morte, a expressão personativa se decompõe em: 1) prenome, o primeiro nome do Registro Civil, que pode ser simples ou composto: José, Maria; José Maria, Maria José; 2)—o nome de família: Medeiros, Clemêncio, Bernardes, Carvalhais; 3)—o cognome que é a designação que nos dá a sociedade onde vivemos, a História: Tiradentes, Águia de Aia, Apóstolo do Brasil, o Codificador do Espiritismo; 4)—o axionome é a maneira peculiar com que nos distinguimos pelos estudos especializados ou pela profissão: Dr., Prof., Juiz, Desembargador, Pe., Freira, Barbeiro; 5)—o hipocorístico é o apelido que nos dá a família, quasi sempre em diminutivo: Nônô, Lálá, Paschoalinho, etc. Por isto, no Brasil, em primeiro lugar, no registro de nascimento, põe-se o prenome, em seguida o nome de família da mãe e em terceiro e último, o nome de família do pai do registrando. Exemplo: Pedro, filho de Maria Antonieta Bernardes de Medeiros e de Bianor Medeiros, deve chamar-se Pedro Bernardes de Medeiros. (cfr. Silveira Bueno, Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 3.^a ed.

págs. 117/120; Rebêlo Gonçalves, Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Lisboa, 1940, pág. XXII; Lei de Registros Públicos do Brasil, das pessoas naturais, etc.).

III. — O acôrdo Ortográfico Brasil-Portugal, aprovado pela Academia Brasileira de Letras em 29/1/1942, visando simplificar a ortografia das palavras, no capítulo XI, ns. 39/40, fixa a seguinte regra: «Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugueses ou aporuguesados, estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomes comuns». Isto quer dizer que, as expressões personativas de nomes estrangeiros devem ser escritas como se escrevem em sua língua de origem, embora a tendência generalizada seja para grafá-las pela ortografia simplificada.

IV. — Os mestres ainda nos ensinam que, por intermédio do grego e do latim passaram para o português muitos vocábulos hebraicos internacionalizados pelo Cristianismo e pela Bíblia: Amen, Hosanah, Halleluia, Messias, Satanás, Cherúbim, Serafim, jubileu, sábado, páscoa, e os prenomes: Abraão, Aarão, Daniel, Samuel, Gabriel, Rafael, Miguel, Uriel, Jacob, Tiago, José, Maria, Mariana, Susana, Ruth, Estér, etc. (cfr. Carolina Leite de Vasconcelos, Lições de Filologia, ed. Revista de Portugal, págs. 291/292). Entretanto, as expressões personativas em hebraico são diferentes das usadas no Brasil e em Portugal. Em hebraico, usa-se o prenome, depois a palavra filho, em seguida o nome do pai. Exemplo: José filho de Jacob — Iodsef bar Iacob (Mateus, 1/16), o justo, o glorioso marido de Maria e pai de Jesus.

Os israelitas também usam bastante o cognome: bem como o axionome em menor escala. Exemplo: O Cordeiro de Deus que tira os pecados do Mundo; Mestre, o Filho do Homem; o Bom Pastor, o enviado, o mensageiro, o atalaia.

V. — Diante do resumido, podemos estudar alguns nomes personativos hebraicos que foram profundamente desvirtuados na forma e no sentido ao passar para as línguas neolatinas através do grego e do latim.

1. — Jesus veio do grego Iesous, através do latim Iesus, dando o portu-

guês Jesus, o italiano Gesù, o francês Jésus, o espanhol Jesus, o inglês Jesus, o alemão Jesus, internacionalizando-se a palavra grega que helenizou as línguas ocidentais. O nome de Jesus em hebraico é Ioshua, que variou através dos tempos em Ieoshua e Ieshua, que sempre se traduziu por Josué, com a significação de «O Senhor é seu auxílio». Assim, o verdadeiro nome de Jesus é Josué filho de José ou Ioshua bar Iodsef. Logo, Jesus não é Deus, tanto assim que se qualifica de Mestre (Rabi) e chama Deus de Pai (Abba), sendo que os Israelitas chamam Deus de Iahveh, o Eterno, o Incriado, o que Foi, É e Será, ou El, o Senhor, ou Adonai, o Supremo, ou ainda Alef (A), o Uno, o Primeiro, o Maior. Ora, se Deus é o Senhor, e o Senhor é o auxílio do Divino Mestre, segue-se que o Divino Mestre não é o Senhor, que é o seu auxílio.

2. — O grande apóstolo que conhecemos por São Pedro, em hebraico o seu verdadeiro nome é Shim'on bar Ioahnah, que se traduz por Simeão filho de Jonas, significando Shim'on o ouvido, o escutado. Simon vem do grego com a significação de nariz chato.

O grego Simon, deu o latim Simon e o português Simão.

3. — Outra vítima inocente é o glorioso São Paulo. Shaul em hebraico significa «obtido pela oração». Shaul passou para Saul, Saulus, Paulus, que significa «pequeno de estatura». Assim foi deturpada a forma e foi deturpado o sentido do vocábulo Shaul com a sua passagem do hebraico para o grego, do grego para o latim e do latim para as línguas neolatinas, o português, o francês, o espanhol, o italiano.

4. — Outro exemplo desorientador é o do historiador mais conhecido por Flavio Josefo, do ano 38 a 100 da nossa era, cujo nome hebraico é Iosef ben Mattityahu, José filho de Mattityahu = Matatias.

5. — Por estes exemplos concretos, de desvirtuamento do fundo e da forma dos vocábulos hebraicos, se infere o quanto se modificou o sentido dos textos primitivos com as nossas versões tão consagradas pelo uso e pelo abuso, em versões muito mal feitas, por desconhecimento do hebraico.

6/10/962.

CHICO XAVIER perante os grandes escritores

Pesquisa de JORGE RIZZINI

Quando Presidente da Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos escreveu sobre Chico Xavier — Uma frase célebre de Monteiro Lobato — Afonso Schmidt, o escritor mais premiado do Brasil, opina sobre o famoso médium — Depoimentos de Edgard Cavalheiro, Agripino Grieco, Edmundo Lys e outros mestres da Literatura Nacional.

QUANDO lançou «Parnaso de Além Túmulo», obra gigantesca que reúne poesias mediúnicas de Olavo Bilac, Castro Alves, Antonio Nobre, Guerra Junqueiro, Casimiro e outros poetas célebres, brasileiros e portugueses, era Francisco Cândido Xavier um rapaz, iniciando-se no campo árido do mediunismo. Vivia êle, então, em uma pequenina cidade do interior de Minas Gerais, no mais completo anonimato. Essa obra, porém, de súbito transformou-se em glória nacional, principalmente devido ao destemor de Humberto de Campos, que em

artigo (hoje famoso) convocou os escritores a examinarem o «Parnaso». Nessa época, ocupava Humberto de Campos a presidência da Academia Brasileira de Letras e era o escritor mais famoso em todo o Brasil.

Depois do «Parnaso», escreveu Chico Xavier, mediúnicamente, mais de setenta volumes, abrangendo todos os gêneros literários, na maior demonstração psicográfica de todos os tempos.

A OPINIÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS

O artigo de Humberto de Cam-

pos (representando, de certo modo, a opinião da própria Academia) foi estampado no «Diário Carioca», na sessão literária:

«Eu faltaria (diz Humberto de Campos) ao dever que me é imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que êle é intérprete apresentem as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocuparam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos». Etc..

Cumpramos observar, aqui, que Humberto de Campos, em vida, não era espírita... Sua opinião, pois, é imparcial. Mas tarde, após a morte, também Humberto de Campos viria escrever através de Chico Xavier, promovendo nova celega nos meios literários, em particular na Academia...

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE MONTEIRO LOBATO

Monteiro Lobato, imortal criador de «Jeca Tatu», sempre se interessou pela fenomenologia espírita; desde ao tempo em que era Promotor público na cidadezinha de Areias. Sobre o assunto, escreveu algumas páginas e deu entrevistas aos jornais do Rio e São Paulo. A respeito de Chico Xavier, dizia Lobato:

«Se o Chico produziu tudo aquilo, por conta própria, então êle pode ocupar quantas cadeiras quiser na Academia!»

E o Lobato tinha razão: em verdade, o médium vale por toda uma academia...

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE AFONSO SCHMIDT

E' Afonso Schmidt o escritor mais laureado do Brasil e um dos mais lidos. Há dois anos, a editora Brasiliense lançou-lhe as «Obras Completas», com mais de vinte grossos volumes.

Comentando as crônicas vindas através de Chico Xavier e assinadas pelo espírito de Humberto de Campos, escreveu Afonso Schmidt no jornal «O Estado de São Paulo»:

«Fui sempre leitor de Humberto de Campos. Há anos, atraído pelo rumor que se fazia, procurei ler, igualmente, umas crônicas a êle atribuídas por Francisco Cândido Xavier, êsse jovem, modesto e iletrado caixeiro de loja de uma cidadezinha de Minas. Observei o seguinte: a fantasia, a compreensão fraternal da vida e o bom gosto na composição são os mesmos que caracterizam a obra do nosso ilustre patricio. Até aí, trata-se de faculdades inatas que, por um acaso qualquer, poderiam ser trazidas do berço por Francisco Xavier. O mesmo, porém, não poderia dar-se com a cultura, a correção, a clareza, a maneira de sentir, de escrever, de comunicar a sua impressão ao leitor. Enfim, a sua personalidade, a sua atitude perante a vida, os seus silêncios, elementos de êxito que Humberto de Campos conseguiu em quarenta anos de incessante prática da literatura. E o rapazinho de Minas Gerais, apresentando tais virtudes, não poderia improvisar aquilo que em tôdas as artes os artistas não trazem do berço e que é o mais difícil de conseguir.»

E ainda diz Afonso Schmidt, quando eu o entrevistei há alguns anos a respeito de Chico Xavier:

«Sou — e sempre fui — um sincero admirador da obra de Chico Xavier. Dizem-me que é um homem humilde e trabalhador, voltado unicamente para seus ideais. As campanhas que contra êle se desencadeiam são a prova mais segura do seu valor. Há anos, escrevi a seu respeito uma crônica no «O Estado de São Paulo». Hoje, se voltasse a escrever sobre sua obra, sua personalidade, poderia dizer muito mais!»

Devo acrescentar, que Afonso Schmidt é um nome que já atravessou as fronteiras do Brasil; tendo recebido no estrangeiro alguns prêmios literários.

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE EDGARD CAVALHEIRO

Edgard Cavalheiro é justamente, considerado o maior biógrafo entre os

autores desta geração. Escreveu a biografia de Fagundes Varela, Garcia Lorca, e dois enormes volumes sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato que o immortalizaram. E' ainda o responsável por inúmeras antologias de contos e poesias. E de centenas de artigos publicados nos principais jornais do Brasil. Na célebre entrevista que deu à «Folha da Noite», em São Paulo, sobre Chico Xavier, disse êle:

«Não há dúvida, o homem simples e pobre de Pedro Leopoldo, que poderia tornar-se milionário só com os direitos autorais de seus livros, e que devolveu certa vez um cheque de trezentos contos a um consulente, é uma criatura rara e uma alma que explode entre as demais, num brilho de infinita bondade e pureza!»

A referida entrevista de Edgard Cavalheiro tem como título, «Chico Xavier, homem símbolo».

CHICO XAVIER NA OPINIÃO DE AGRIPINO GRIECO

Agripino Grieco, biógrafo de Machado de Assis, é o mais famoso crítico literário do Brasil; e de todos o mais mordaz. Foi amigo íntimo de Humberto de Campos, durante largos anos no Rio de Janeiro. Ao receber as crônicas mediúnicas, atribuídas a Humberto de Campos, quis conhecer de perto o médium Chico Xavier — para desmascará-lo, é evidente. E dirigiu-se a Belo Horizonte. Mas deixemos o próprio Agripino fazer a narração:

«Nisto (diz o crítico) o orientador dos trabalhos pediu-me que rubricasse vinte folhas de papel destinadas à escrita do médium; tratava-se de afastar qualquer suspeita de substituição de texto. Rubriquei-as e Chico Xavier, com uma celeridade vertiginosa, deixando correr o lápis com uma agilidade que não teria o mais desenvolvido dos rassistas de cartório, foi enchendo tudo aquilo. À proporção que uma folha se completava, sempre em grafia bem legível, ia eu verificando o que ali fixara o lápis do Chico».

E acrescenta Agripino Grieco que aquelas vinte folhas, ao fim da sessão, formavam um «autêntico» manuscrito inédito retirado do espólio do memorialista glorioso. E conclue:

«Íntimos, num contato cordial e literário constante, ambos críticos, ambos homens de letras, era natural que entre mim e Humberto existisse uma amizade intensa e mútua. Agora, anos após sua morte, eis que me é dado encontrar-lhe novamente as idéias e o estilo, e da maneira extraordinária por que o foi!»

OUTROS DEPOIMENTOS SOBRE CHICO XAVIER

Zeferino Brasil foi membro de diversas academias e suas poesias andam por todo o Brasil; inclusive, em antologias clássicas. É autor da obra-prima intitulada «Vovó Musa», cuja primeira edição saiu no Rio Grande do Sul, hoje disputadíssima pelos bibliófilos. Interrogado sobre o «Parnaso de Além Túmulo», escreveu êste depoimento vigoroso:

«Por que ninguém, que conheça a arte poética e haja lido assiduamente Antero de Quental, Antonio Nobre, Guerra Junqueiro, João de Deus, Olavo Bilac, Castro Alves, Casimiro de Abreu e os demais poetas que encham as 398 páginas do «Parnaso de Além Túmulo», deixará de os reconhecer integralmente nas poesias psicografadas. Em tôdas elas se encontram patentes as belezas, o estilo, os arrôjos, as imagens próprias, os defeitos, o «sêlo pessoal», enfim, dos nomes gloriosos que as assinam e vivem imortais na história literária do Brasil e Portugal».

Opinião imparcial. Como os demais, Zeferino Brasil não era espírita.

Também Edmundo Lys, comentarista literário do Rio de Janeiro e crítico perspicaz, escreveu sobre o extraordinário médium de Minas:

«Se quisermos imitar Belmiro Braga, seria justo versejar na sua forma habitual. Ora, no «Parnaso de Além Túmulo», o poema de Belmiro Braga é em sextilhas e, entretanto, se identifica como inspiração, como estilo, até como forma!»

Por isso, o célebre João Ribeiro, historiador e crítico de literatura, dizia que Chico Xavier «não atraçoara poeta algum»: todos, no «Parnaso», se revelaram como realmente o foram em vida.

«Em matéria de experiência humana (escreveu Antonio Olavo Pereira, de-

tentor de prêmios da Academia e da União Brasileira de Escritores) Chico Xavier representa o maior conhecimento que já realizei na vida. Considero-o uma das criaturas mais evangelizadas, não só do nosso meio, como possivelmente do nosso tempo, como expressão da tolerância, da renúncia, da compreensão, do respeito e do amor. Sua existência se desenvolve num plano de absoluta espiritualidade, infensa às solicitações de ordem material que constituem o ideal da vida moderna. Num mundo em que prevalecem a má fé, a mistificação, a fraude, o egoísmo, a insinceridade, Chico Xavier avulta como um ponto de referência para aqueles que ainda crêem na dignidade do ho-

mem e na sua recuperação pelos caminhos do Evangelho».

Compreendendo e sentindo essas palavras, é que Paulo Dantas, o jovem romancista nordestino e já detentor de láureas acadêmicas, escreveu:

«Não conheço, mas admiro o espantoso Chico Xavier. Tenho mesmo a intenção de um dia ir a Pedro Leopoldo para ver o «homem-fenômeno» de perto, conversar com êle, sentir o profundo de sua natureza, tocar na mão de seu caráter. Não morrerei sem vê-lo de perto. Porque Chico Xavier, pela sua pureza, é um homem suspenso no infinito!»

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

Serões Bíblicos - X

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Continuação do Capítulo X)

Lumbaio ficou parado um tempo, de olhos no chão, fitando o vazio, enquanto remoia os últimos argumentos de Chilon, depois do que sentenciou em tom peremptório:

— Adiante! Em Gên. 1, 2 a 5, está o relato de que Deus criou, no primeiro dia, a luz. Foi a luz que Deus criou, ou foi sua fonte, o Sol?

— Deus criou a luz, respondeu, Chilon, antes de o Sol, porque, sendo a matéria condensação de energia, primeiro houve esta, isto é, a luz, antes de existir o Sol, como sua condensação. Hoje o Sol é a fonte da luz que nos vem, porque tôda a energia está na fase evolutiva, dispersiva ou centrífuga; todavia aquela luz primeva era acantonante, convergente, centrípeta a um ponto, vinda da periferia; e nêsse ponto deu-se a transformação da energia na matéria. A respeito disto escreveu Vieira, antes do «Século das Luzes», e do advento das ciências: Santo Tomás, e com êle o sentir mais comum dos teólogos, resolve que a luz que Deus criou o primeiro dia, foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto. (...) No primeiro dia foi criado o sol informe, no quarto dia foi criado o sol formado»

(Viera, Sermões, 1, 182 — Ed. das Américas). De minha parte acho muito, caro Lumbaio, que a inspiração de Moisés (ou daqueles nos quais se baseou) tivesse captado esta verdade essencial que só agora, note bem, a ciência descobriu, qual seja, a de que o Sol nasceu da sua luz, e a matéria, da energia!

E curvando os cantos da bôca para baixo, numa expressão de sarcasmo, continuou Chilon:

— Se o Gênesis fôra escrito por algum Lumbaio, certamente êle teria errado fazendo Deus criar primeiro a matéria, depois a energia e finalmente o espírito. O espírito e a energia seriam produtos da matéria, porque, se para um Lumbaio houvera Deus, êste havia de ser material... Mas Deus é Espírito, pensava Moisés; logo o ato primeiro do seu poder criador foi gerar puros espíritos, a côrte angelical. Da queda de parte dêstes espíritos surgiu a energia, a luz, que se encurvou na matéria. No princípio era o Espírito, e o Espírito estava com Deus, e o Espírito era Deus. Depois veio a luz da qual a matéria se fêz. Por isso o «céu de Deus», para usar sua expressão, rodeia todo o Universo. Ir, pois, para o centro do Universo, que é aquêle ponto de onde tôdo êle agora se afasta, é

involuir; avançar para sua periferia é evoluir. Encaminhar-se para qualquer centro, seja o da Terra, seja o do Universo, é, sempre, involuir; evadir-se para a periferia, para os espaços cada vez mais abertos, é evoluir. O Universo físico é um tumor no seio orgânico de Deus e pode haver outros tumores, outras bolsas de matéria, lá para além de onde a nossa luz se encurva e nos circuita; seriam outros Universos de nós ignorados...

— De onde você tirou isso? interrogou Lumbaio.

— Esta é a doutrina de Árago, o sábio daqui de Cananéia... E prosseguiu:

— Há um século os cientistas dogmatizavam empertigados nas suas cátedras: «Entre a matéria e a energia há um abismo intransponível; diante disto, portanto, a Bíblia estaria errada. Hoje a mesma ciência sentencia, enfaticamente: «Matéria e energia são uma e a mesma coisa»; e agora a Bíblia está certa. Numa aldeia de Gasconha, em 1800, em pleno dia, caiu do céu uma saraivada de pedras meteóricas. Enviado que foi um relatório da ocorrência, com 300 assinaturas para a Academia de Ciências de Paris, a resposta desta

foi o seguinte: «A Academia lamenta verificar que nesta nossa época tão esclarecida (!) ainda existam pessoas tão supersticiosas que acreditam na possibilidade de caírem pedras da abóbada celeste». Quando em 1807 caiu uma pedra dessas em Connecticut e dois professores pediram permissão ao Governo para desenterrá-la, o Presidente Jefferson recusou, fazendo a seguinte observação: «E' mais provável que dois professôres ianques, estejam mentindo do que uma pedra cair do céu» (Fritz Kanh), O Livro da Natureza, I, 175. Também o grande Lavoisier decretara que do céu não caem pedras, simplesmente por que no ceu não há pedras. Diante destas sentenças inapeláveis, a Bíblia teria mentido, quando falou da chuva de aerólitos caída sobre o exército dos amorreus (Josué, 10, 11). Hoje, entretanto, qualquer criança de escola primária sabe que dos céus caem pedras sim senhor, sendo muito de lastimar que sempre tivessem existido tais «academias», tais «sábios» e tais homens de «visão» a emperrar e marcha do progresso que vinha exatamente provar que a Bíblia era fiel em seus relatos.

Crônica Estrangeira

ENCONTRADO O CORPO DESAPARECIDO COMO PREDISSE O MÉDIUM

De «Two Worlds», 18-7-59.

Como foi predito por Nelson Palmer, médium de Durban, o corpo de um estudante desaparecido a 21 de abril, foi encontrado há poucos dias dentro da área que êle indicara, usando suas faculdades psíquicas.

O estudante, Peter Christensen, de 23 anos, estudante na Universidade de Johannesburg, não fôra visto depois de, atingido por uma avalanche, ao subir a cadeia de Drakonsberg.

Na semana passada, o jornal «Natal Mercury», noticiou o encontro do corpo, por alguns europeus. Êle estava conservado por densa camada de neve,

cerca de 600 metros distante da cabana da montanha sobre a escarpa, declarou o guia da expedição.

Diversas outras turmas de investigação, que deveriam ter passado próximo ao local, não tiveram sucesso.

Em 1956 Nelson Palmer (professor aposentado) localizou o corpo mutilado de uma jovem de 18 anos, depois de intensiva e abortiva procura, que durou oito dias, efetuada pela polícia Sul Africana. Palmer conduziu a polícia ao ponto exato, após uma sessão em que foi indicado o lugar em que seria encontrado o corpo num regato na estrada, cerca de 60 quilômetros de Durban.

Quatro meses depois, Palmer localizou o corpo de um doutor, após inútil procura, pela polícia, durante 11 dias.



UMA NOITE DE NUPCIAS DIFERENTE

PEGU (Baixa-Birmania) (AFP) — Uma noite de nupcias foi perturbada por um espírito invejoso e... feroz.

Os parentês e amigos que assistiram, em Pegu, ao casamento de Ko Hlaaung e de Ma Aye may tinham-se retirado para deixar os noivos a sós. Qual não foi, porém, a surpresa de Ma Aye, ao ver seu espôso administrar-lhe, ao invés dos carinhos que ela esperava, uma sucessão de golpes, que a obrigou a refugiar-se, chorando, sob o leito.

Os vizinhos intervieram prontamente e, logo a seguir, encontraram a explicação para o estranho comportamento de Ko Hla. Ele achava-se possuído pelo espírito de sua primeira mulher, morta pouco tempo antes e descontente de vê-lo casar novamente.

Os vizinhos foram à procura do «homem santo» do quarteirão, para livrar Ko Hla do malicioso espírito. Para maior segurança da noiva, porém, parentes, amigos e vizinhos resolveram passar o resto da noite a montar guarda em torno do leito nupcial...

(Da «Fôlha de S. Paulo», de 15/9/60)

O ESPÍRITO DO AMIGO ESQUECIDO

(Transcrito de «Psychic News», e traduzido pelo Grupo «Emmanuel», de Araraçua).

O Dr. Herbert Meyer, presente a uma sessão espírita de Los Angeles, dirigida pelo médium Richard Zenor, foi, inesperadamente interpelado da seguinte forma:

— *Helle Herbert, Mensch, das ist ja wunderbar. Wie geht es dir?* (Olá Herbert, não é maravilhoso? Como vai você?)

O interpelado respondeu em alemão:

— Oh! Eu vou bem. Feliz de encontrá-lo. É realmente terri...

O Dr. Meyer foi interrompido pe-

lo médium que se levantou de repente e pôs-se a bater o pé direito com toda a força sobre o assoalho, dizendo:

— Veja... veja... eu a posso usar de novo! Ela está nova outra vez!

Surprêso o Dr. Meyer esqueceu de perguntar a identidade do espírito. Mas no domingo seguinte a mesma entidade estava de retôrno declinando então o seu nome, nome alemão bastante difícil, e o Dr. Meyer reconheceu um colega e amigo do tempo em que fizera seus estudos de engenharia no Instituto de Tecnologia de Berlim, de 1921 a 1926.

O Dr. Herbert Meyer, que é um químico especializado em pesquisas, atualmente trabalhando em Hollywood, conta que êsse amigo perdera a perna direita na Primeira Grande Guerra Mundial, o que não o impediu, entretanto, de prosseguir seus estudos no Instituto berlinense. Êste fato espírita está narrado no jornal CHIMES.

(Serviço de Difusão do Espiritismo)

FOTOGRAFADO O ESPÍRITO DA MORTA

LONDRES, 20 (UPI) — O tablôide dominical «Sunday Pictorial», disse ontem estar certo de que tem a fotografia de um fantasma. O jornal publica a foto de uma mulher sentada num carro. Essa mulher estava morta e sepultada quando a fotografia foi tirada. O flagrante mostra um rosto identificado como o de Mrs. Ellen Hammell, sentada no carro de seu genro. A filha de Mrs. Ellen, Mrs. Mabel Chinnery, de 48 anos, que colheu o flagrante, disse que ela e o marido tinham tirado várias fotos do jazigo da Sra. Hammell. «Decidi usar o resto do filme tirando fotos de meu marido e do carro», afirmou ela. Quando o filme foi revelado, apareceu sentada no fundo do carro sua finada mãe. Segundo o jornal, um perito em fotografias declarou que apostaria sua reputação como a foto é genuína.

«Reformador», (De «Última Hora», de 20/4/59).

Experimente a solidão, de quando em quando; Jesus esteve sózinho nos momentos cruciais de sua passagem pela Terra. — (A. L.)

Espiritismo no Brasil

30 DE JANEIRO

Esta data é sumamente grata para nós, os espíritas matonenses, pois ela assinala o transcorrer de mais um aniversário de passagem do nosso querido e jamais esquecido companheiro Cairbar Schutel.

Como vem acontecendo, já há alguns anos, no Salão do Centro Espírita «Amantes da Pobreza», realizou-se uma reunião, com um elevado comparecimento de espíritas locais, afim de se prestar uma modesta mas sincera homenagem à memória daquele nosso grande companheiro, desencarnado há 25 anos.

Preliminarmente falou a nossa companheira Farmacêutica Zélia S. Perche, após o que, passou a palavra ao nosso companheiro Edo Mariani, para pronunciar a prece de abertura da sessão, a qual foi feita com verdadeiro sentimento, que sensibilizou a todos. A seguir, fez uso da palavra o nosso companheiro Watson Campêlo, que falou sobre a personalidade de Cairbar Schutel e suas obras, as quais são conhecidas e apreciadas, não só no Brasil, mas, igualmente, em muitos países da Europa. Falou também, algumas palavras sobre Cairbar Schutel, a nossa companheira Antoninha S. P. Campêlo; A prof.^a d. Izabel Perches Camargo, declamou uns versos de sua autoria, dedicados a Cairbar Schutel. A srta. Eraide Gonçalves leu uma lição «Meu Filho», de Meimei. Em seguida a irmã Zélia

pediu à d. Elvira S. Perche abrir, ao acaso, o livro «O Espírito do Cristianismo» de autoria de Cairbar Schutel, e ressaltou a Lição «Autoridade do Batismo». Lida referida lição, foi pedido que alguém, dos presentes, a comentasse, o que foi feito, muito bem e esclarecidamente, pelo companheiro Edo Mariani.

Encerrou esta reunião, que foi um verdadeiro banquete espiritual, o nosso companheiro José da Cunha, que pronunciou expressiva prece.

Alcir Orion Morato

Dar-se-á no dia 23 do mês em curso, no Teatro Pedro II de Ribeirão Preto, a solenidade de colação de Grau aos que terminam seu Curso de Odontologia, pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, turma de 1962.

Entre os diplomandos figura o jovem Alcir Orion Morato filho do nosso confrade Dr. Agnelo Morato, Redator-responsável da nossa colega «A Nova Era» de Franca, a quem agradecemos o convite que nos endereçou, com os nossos melhores votos de felicidade no desempenho da profissão que acaba de abraçar.

Convites

Dos doutorandos da 45.^a turma da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, adeptos da Doutrina Espírita, recebemos

atencioso convite para assistirmos a palestra espírita, — parte das solenidades oficiais de formatura, — proferida pelo Dr. Ary Lex, no dia 3 de janeiro p. passado, às 20,30 h. na Federação Espírita do Estado de São Paulo, (rua Maria Paula, 158.)

Da AMEA, Associação Metropolitana Espírita de Assistência, recebemos, igualmente, atencioso convite para presenciarmos às solenidades de instalação oficial do Ginásio Secundário do Instituto Educacional Espírita Metropolitano, e Encerramento do ano letivo de 1962 do Externato Hilário Ribeiro, solenidades essas, marcadas para o dia 16 de dezembro último, às 20 horas, no salão nobre da Federação Espírita do Estado de São Paulo, à rua Maria Paula, 158.

— Somos gratos por tão atenciosos convites que nos foram gentilmente endereçados.

Concentração de Mocidades no Vale do Paraíba

Esta marcada para o dia 17 de março próximo, a XIII Concentração de Mocidades Espíritas do Vale do Paraíba, a realizar-se na cidade de Taubaté.

Oportunamente será distribuído o programa de referida Concentração, com discriminação minuciosa dos diferentes pontos a serem debatidos em referido conclave.

Obras psicografadas por Francisco C. Xavier

EMMANUEL

Caminho, Verdade e Vida
Religião dos Espíritos
A Caminho da Luz
Pensamento e Vida
O Consolador
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Roteiro
Vinha de Luz
Seara dos Médiuns
Justiça Divina
Paulo e Estevam (romance)
Há Dois Mil Anos «
50 Anos Depois «
Ave Cristo «
Renúncia «

ANDRÉ LUIZ

Libertação
Nosso Lar
Agenda Cristã
Ação e Reação
Os Mensageiros
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Evolução em dois mundos
Mecanismo da Mediunidade
Nos Domínios da Mediunidade

HUMBERTO DE CAMPOS

Brasil, Coração do Mundo
Crônicas de Além-Túmulo
Contos e Apólogos
Novas Mensagens
Lázaro Redivivo
Pontos e Contos
Luz Acima
Boa Nova

CASEMIRO CUNHA

História de Maricota (infantil)
Juca Lambisca «

MEIMEI

Pai Nosso (infantil)
Evangelho em casa «
Cartilha do Bem «

VENERANDA

Os filhos do grande Rei (infantil)
O Caminho Oculto «

NEIO LUCIO

Alvorada Cristã (infantil)
Mensagem do pequeno morto «

OUTROS

Instruções Psicofônicas
Parnaso de Além-Túmulo
Almas em desfile
Vozes do Grande Além
O Espírito da Verdade
Cartilha da Natureza
Jesus no Lar
Perolas do Além
Falando à Terra
Gotas de Luz
Voltei
Cartas de uma Morta
Coletâneas do Além
A Vida escreve
Volta Bocage

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Interpretação Sintética do Apocalipse

Esta obra de autoria do nosso saudoso companheiro, Cairbar Schutel, é um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de fácil compreensão e de atualidade.

É um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. É um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

Brochado Preço: cr\$ 120,00.

UMA GRANDE VIDA

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seara espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, ve-

reis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis força, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do vero cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

Encadernado Preço: cr.\$ 400,00.

Médiuns e Mediunidades

Este apreciado livrinho, que acaba de ser reeditado, em bem cuidada edição, é mais um recomendável trabalho de Cairbar Schutel, pois trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. É um trabalho sintético e bem cla-

ro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

Brochado Preço: cr.\$ 120,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM» — Caixa postal 11 — Matão — SP
Atendemos pedidos sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL
AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$600,00

Semestre — " " 350,00

NÚMERO AVULSO CR.\$60,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo :

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

